

“Um Filme ou Dois?” – A Paixão de Cristo de Lumière

Luiz Vadico

RESUMO: Neste artigo busco desfazer um equívoco existente entre dois filmes de Peça da Paixão de Cristo: a Paixão de Horitz e a chamada Paixão de Lumière, até o presente considerados um único filme. Através de uma análise crítica da historiografia e com novos dados em mãos, estabeleço a distinção entre as duas produções.

ABSTRACT: *One Film or Two? The Christ Passion of Lumière* – In this article I try to get rid of an existing mistake between two movies of Christ Passion Play: The Horitz Passion and the Lumière Passion, until now both are considered a unique film. Through a critical analysis of the historiography and with new data in hand, I settled the difference between the two productions.

Key words: Jesus film – Passion Plays – Early Cinema – Cinema – History.

RESUMÉ: *Un film ou deux ? – La passion de Christ de Lumière.* - Le but de cet article est de mettre à nu un équivoque qu'il y a entre deux films de Pièce de la Passion de Christ: la Passion de Horitz et celle que l'on appelle Passion de Lumière qui sont considérés jusqu' à ce moment un seul film. A partir d'une analyse critique de l'historiographie et avec des nouveaux donnés, j'établi la distinction entre les deux productions

RESUMEN: *¿ Una Pelicula o Dos? La Pasión de Cristo de Lumière* – Em este articulo busco acabar com la equivocación que existe entre dos películas de la Pieza de La Pasión do Cristo: La Pasión de Horitz y La lhamada Pasión de Lumière, hasta el dia de hoy son considerados um único film. Através de um analisis critico de la historia y teniendo nuevas informaciones, establezco la diferencia entre ambas producciones.

Palabras clave: Película de Cristo – Piezas de la Pasión – Primero Cinema – Cinema – Historia.

O autor: Prof. Dr. Luiz Vadico - Historiador e Escritor - Bacharelado e Licenciado em História/IFCH - UNICAMP – Doutor em Multimeios/Instituto de Artes - UNICAMP. Este artigo resulta de uma Bolsa de Doutorado concedida pela CAPES (Projeto: A Imagem do Ícone. Cristologia no Cinema. Um Estudo Sobre a Adaptação Cinematográfica da Vida de Jesus Cristo – 1897-2004), sob orientação do Prof. Dr. Marcius Cesar Soares Freire. Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi-Morumbi de São Paulo.

e-mail: vadico@gmail.com e/ou vadico@hotmail.com .

“Um Filme ou Dois?” – A Paixão de Cristo de Lumière

Luiz Vadico

Diante dos vários estudos que surgiram na última década sobre o Primeiro Cinema (1895-1905), uma área de interesse sempre renovado, os Filmes de Cristo – filmes que contam a estória de Jesus Cristo ou o episódio da Paixão - mostraram-se um importante objeto de pesquisa para a melhor compreensão do surgimento da narrativa cinematográfica. Assim como o cinema, estes estudos desde o início tomaram uma dimensão internacional. Dada a realidade da internacionalização do cinema, diversos filmes foram espalhados pelo mundo, muitas cópias originais foram perdidas ao longo dos anos, e por isso sempre podemos a qualquer instante sermos brindados com a descoberta de algum filme guardado num porão.



Fig 1

La vie et la passion de Jésus-Christ

A Adoração dos Magos – 933 – Encenação de Georges Hatot

Ao se depararem com o estudo deste gênero os estudiosos também se defrontam com uma dificuldade, a de poderem verificar as várias fontes filmográficas. Muitos filmes só são conhecidos por referência bibliográfica ou jornais do começo do século XX. Este é o caso de *A Paixão de Horitz*, considerado o primeiro longa-metragem da história do cinema (19 minutos) e também a primeira tentativa de se estabelecer uma narrativa cinematográfica. Parodiando as palavras de Lloyd Baugh, em seu *Imaging the Divine*,

posso dizer que existe considerável confusão a respeito deste filme entre os pesquisadores e tentarei neste artigo esclarecê-la. Penso que a obra de Georges Sadoul, *A História do Cinema Mundial*, bastante conhecida e utilizada por todos os autores que trabalham com o gênero, disseminou a confusão a partir de um equívoco. Havia muito pouca informação sobre esse filme e Sadoul, na década de 60, era a referência:

A arte do cinema que nascia, como outrora a do teatro, escolheu como primeiro grande drama A paixão de Cristo. Foi, segundo cremos, a *Sociedade Lumière* que iniciou esta tradição. Foram provavelmente Breteau e Georges Hatot quem encenaram em Paris, no fim de 1897, estas *Vues représentant la Vie et la passion de Jésus-Christ*, da "Adoração dos magos" à "Ressurreição". A publicidade, nos Estados Unidos, afirmou que o filme tinha sido realizado na Boémia, em Horitz, onde camponeses checos desempenhavam então uma Paixão rival da de Oberammergau. A primeira manifestação importante do cinema dramático liga-se visivelmente, com efeito, às modernas sobrevivências do teatro medieval e dos seus mistérios religiosos.

(...) Esteticamente o resultado era medíocre. As personagens perdiam-se em grandes cenários de tela pintada; a fotografia agravava-lhe duramente a convenção. Mas este filme de 250 metros, projectado em treze partes, que durava cerca de um quarto de hora, foi uma verdadeira revelação. O cinema contava pela primeira vez uma longa história, à maneira da 'via sacra', dos 'quadros vivos', das imagens da lanterna mágica e dos estereoscópios. (SADOUL, 1983: 55).

Atualmente uma boa referência neste campo tem sido Charles Musser, que ao abordar o surgimento do cinema e suas primeiras formas narrativas nos Estados Unidos, em seu livro *The Emergence of Cinema*, estudou também a recepção deste filme naquele país. A primeira coisa importante no trabalho de Musser foi ter demonstrado que o filme não se tratava de um embuste como havia afirmado Sadoul. Ele averiguou que o representante americano dos Lumière, Charles Smith Hurd, havia retornado à Europa em 1896, visitou Horitz, e viu a representação da peça da paixão (MUSSER: 248). Hurd imediatamente propôs ao grupo de teatro fazer um filme e negociou os direitos. Os produtores teatrais americanos Marc Klaw e Abraham L. Erlanger financiaram o projeto e colocaram Dr. William Freeman (conhecido como "Doc Freeman") na direção e contrataram Charles Webster e a *International Film Company* para fazer a cinematografia e o trabalho de laboratório. Embora o "processo Lumière" tenha sido usado, o cinematógrafo já era uma tecnologia que havia se tornado disponível e o empreendimento não tinha laços formais com a organização Lumière (MUSSER: 210).

Baugh, entre os pesquisadores consultados, foi o primeiro a notar uma certa confusão entre as fontes a respeito da participação dos Lumière, e chegou a questionar se não se tratariam de dois filmes, terminando por optar pela informação clássica de que se trataria de um único filme. Vejamos o percurso crítico que Lloyd Baugh faz numa nota de rodapé, extremamente esclarecedora:

Uma lista francesa fala de uma paixão filmada em 1897 por um operador de Louis Lumière na Áustria. [Jean-Luc Douin, "Filmographie," in *Le Film Religieux*, 42.] Kinnard e Davis parecem se referir a ele duas vezes. Uma vez ele é simplesmente referido como um filme "realizado por Lumière" [Roy Kinnard e Tim Davis, *Divine Images: A History of Jesus on the Screen* (New York: Citadel Press-Carol Publishing Group, 1992), 27.] mas, primeiramente neste livro existe uma longa descrição de uma Peça da paixão encenada em Horitz [sic], Bohemia, produzido por um americano representante de Auguste Lumière. Os autores irão dizer sobre ela que foi "cruamente filmada e desapontou as audiências" [Ibid., 19], uma opinião claramente contraditada pela detalhada evidência apresentada por Musser a qual eu sigo neste comentário. [Charles Musser, "Les Passions et les Mystères de la Passion aux États-Unis (1880-1900)," in *An Invention of the Devil?*, 145-186.] Kinnard e Davis parecem implicar que estes sejam dois filmes, quando as evidências indicam que são um e o mesmo. A usualmente confiável publicação Film-Dienst menciona o filme duas vezes: uma vez ela diz que foi um filme produzido por Lumière (usando a forma singular para o nome) [Gerd Albrecht, "Jesus – Eine Filmkarriere," in Film-Dienst Extra: Jesus in der Hauptrolle (köl: Katholisches Institut für Medieninformation [KIM], Novembro 1992): 10.] e depois indica que ele foi uma produção francesa, em (somente) treze cenas, dos irmãos Lumière. [Peter]. H[asenberg]., "Jesus im Film – Eine Auswahl filmographie," in Ibid., 74] Finalmente Ronald Holloway refere-se a ele como "uma falsa reprodução francesa da Paixão de Horitz (Bohemia)... uma versão de 15 minutos de duração, arranjada em 13 quadros. [Holloway, 48.] (Bough, 1997: 210)

Fica fácil para o leitor perceber, que as várias citações feitas estão de alguma forma vinculadas à informação dada por Sadoul na década de 1960, período em que surgiu seu livro e teve larga aceitação. Basta observar o número de quadros (13) e a crítica estética ao filme, inclusive repetida por Kinnard e Davis: "*O documentário Klaw-Erlanger resultante, com a filmagem do espetáculo, supervisionado e fotografado por W. 'Doc' Freeman, tinha um aspecto 'cru' e desapontou as audiências quando foi exibido na Filadelfia (...)*" (Kinnard & Davis, 1997: 05). A participação dos Lumière poderia então ter ficado circunscrita à formação do operador e ao fornecimento do equipamento (cinematógrafo) utilizado.

Lloyd Baugh informa que a Paixão de Horitz era composta de um máximo de quarenta e cinco cenas e incluía uma metragem de documentário sobre a cidade, o teatro e os preparativos dos atores, havia ainda adição de cenas do Velho Testamento e estendia-se da *Visita dos Magos* até a *Ressurreição* (BAUGH, 1997: 08). O número de cenas está obviamente bastante diverso do número informado por Sadoul; no entanto, era costume naquela época ir filmando as cenas da Paixão e da Vida de Cristo ao longo do tempo, e se as vendia em rolos separados; era o projecionista quem fazia a edição ordenando as cenas da estória. Por essa razão a questão do número não é de todo comprobatória da existência de dois filmes, deve, no entanto, ser levada em consideração. Talvez, o conteúdo dessas cenas possa ajudar a esclarecer mais. Charles Musser, em seu livro *Emergence of Cinema*, informa sobre algumas delas:

"(...) os atores principais eram apresentados como retratos de slides de lanterna mágica. Algumas das peças abriam quadros, entre eles um de Adão e Eva sendo expulsos do Jardim do Éden, eram também apresentados como slides de lanterna. A apresentação de Horitz viajou rapidamente através do Velho Testamento e primeiros anos de Cristo, antes de focar os eventos tradicionais que conduzem até a Crucificação. O programa final de trinta quadros totalizou 2.400 pés de filme. Infelizmente nenhuma impressão nem ampliações de frames existem para contar-nos algo mais sobre este ambicioso projeto. (MUSSER: 210).

Ainda sobre o conteúdo de um filme da Paixão de Cristo fornecido pelos Lumière há uma informação vinda de Vicente de Paula Araújo, em seu livro *A Bela Época do Cinema Brasileiro*, que esclarece quais quadros (cenas) eram mostrados, em sua primeira apresentação no Brasil, que ocorreu no Salão Paris no Rio, cujo proprietário era o pioneiro do cinema em nosso país, Pascoal Segreto: "(...) em todas as sessões, de dia e de noite, as exhibições desses esplêndidos quadros, que são os seguintes: *O Nascimento do Menino Deus, Nosso Senhor no Deserto, No Templo de Salomão, Um Milagre, A Ceia dos Doze Apóstolos, A Traição de Judas, A Flagelação, A Coroa de Espinhos, A Crucificação; No Jardim das Oliveiras, Nosso Senhor na Cruz, A Ressurreição*". (ARAÚJO, 1985: 125).

Esta apresentação que se realizou em 14 de julho de 1900, nos dá ao menos o título de doze das cenas que foram apresentadas, percebemos de imediato a ausência das cenas do Velho Testamento e as do documentário. O número de cenas corresponde bastante ao citado por Sadoul, principalmente porque se trata da mesma empresa fornecedora, a dos Lumière.

Já possuímos até agora algumas informações contrastantes importantes: a Paixão realizada pelos Lumière, tida como a de Horitz por Sadoul (embuste/Horitz), possuía 13 quadros, e ele dizia ser uma produção muito ruim; o anúncio da Paixão dos Lumière no Brasil dava os nomes de 12 cenas; Musser provou que a Paixão de Horitz era verdadeira e que realmente foi filmada lá, informando que esta possuía cenas do Velho Testamento ("Adão e Eva" "Caim e Abel" e "O Dilúvio"), cenas de documentário sobre a cidade e cenas de apresentação dos atores da representação, sugerindo cerca de 30 cenas; Baugh aceita a opinião de Musser e amplia o número de cenas (45) e a boa qualidade da produção, nota, no entanto, que havia alguma confusão no ar, seriam dois filmes?

Com o trabalho de Charles Musser, que pesquisou nos Estados Unidos, foram encontradas várias informações novas, provavelmente desconhecidas por Georges Sadoul, e se conseguiu informações suficientes para se dizer que: sim, existe um filme da *Peça da Paixão de Horitz*, feito por um dos representantes (Hurd) e um dos operadores (Freeman)

da empresa dos irmãos Lumière, realizado em 1897, em Horitz. As outras informações dadas por Sadoul estavam sobrando, ficaram soltas. Teriam Hatot e Breteau encenado uma paixão filmada pela empresa dos Lumière? Faltavam informações vindas da França que aclarassem o assunto. Descobri recentemente o livro *Le Cinema des origines – Les Frères Lumière et Leurs Opérateurs*, escrito por Jacques Rittaud-Hutinet (HUTINET, 1985), e publicado em 1985, que pode trazer luz a essa questão. Hutinet não estava interessado em Filmes de Cristo ou filmes religiosos, seu único objeto de interesse eram os operadores de câmera dos Lumière.

Tendo contato com vários arquivos de difícil acesso público, Hutinet fez publicar em seu livro fotogramas de diversos filmes, que na maior parte das vezes não tinham a ver com o conteúdo do livro, fez isso apenas para poder colocar de público material de outra forma inacessível. Graças a este espírito solidário de Hutinet encontrei entre os fotogramas publicados dois pertencentes à Paixão dos Lumière, que doravante será chamada pelo seu nome *La Vie et La Passion de Jésus-Christ*. Os fotogramas publicados são das cenas “I. L’adoration des mages” e “VII. L’arrestation de Jésus-Christ”, e abaixo das fotografias se informa que a “*mise em scène*” era de Georges Hatot.



Fig. 2

La vie et la passion de Jésus-Christ

A prisão de Jesus Cristo – 939 –
Encenação de Georges Hatot

Hutinet esclarece que as fotografias abundantes em seu livro são do *Catalogue général des vues positives*, constituído de fragmentos de filmes e publicado pelas empresas

Lumière (*Grande imprimerie forézienne, s.d.*). Informa que o catálogo é raríssimo, pois corresponde às “*Listes de vues*” publicados pela firma Lumière, contendo os títulos e os números dos filmes rodados pelos Lumière e seus operadores de 1895 a 1898. A maior parte dos fotogramas publicados é inédita (HUTINET, 1985: 14). Outra informação importante vem da bibliografia de Hutinet, em suas fontes primárias encontra-se no quesito das *Listas de Vistas*: “- *notice explicative sur les vues de la Passion représentant ‘La Vie et La Passion de Jésus-Christ’ (no. 933 à 945), Silland, Lyon, 1898;*” (HUTINET, 1985: 250).

Tendo em vista que cada um dos números é referente a uma cena, ou a um rolo de filme, dos números 933 a 945 temos as 13 cenas ou quadros aludidos por Sadoul. Cujos títulos são de alguma forma coincidentes com aqueles que chegaram ao Brasil, salvo divergências de tradução e interpretação dos quadros: “*L’adoration des mages*’, ‘*La fuite em Egypte*’, *Arrivée à Jérusalem*’, ‘*Trahison de Judas*’, ‘*Réssurrection de Lazare*’, ‘*La Cène*’, ‘*Arrestation de Jésus-Christ*’, ‘*La Flagellation*’, ‘*couronnement d’épines*’, ‘*La mise em croix*’, ‘*Le calvaire*’, ‘*La mise au Tombeau*’, ‘*La réssurrection*’”. (HUTINET, 1985: 223).

No Brasil, assim ficaram: O Nascimento do Menino Deus, Nosso Senhor no Deserto, No Templo de Salomão, Um Milagre, A Ceia dos Doze Apóstolos, A Traição de Judas, A Flagelação, A Coroa de Espinhos, A Crucificação; No Jardim das Oliveiras, Nosso Senhor na Cruz, A Ressurreição.

O mesmo Hutinet informa que após a realização de algumas encenações curtas Georges Hatot, assessorado pelo ator Bretteau, realizou uma tentativa de superar o formato curto dos filmes, rodando uma Paixão de Cristo, que possuía 250m de comprimento, o mais longo filme realizado pelos Lumière (HUTINET, 1985: 233).

Acredito que diante dessas várias informações não restam dúvidas de que se trata de dois filmes. O historiador Georges Sadoul equivocou-se ao tomar a *Paixão de Horitz* pelo filme dos Lumière, trata-se de filmes diferentes. Ambos bastante longos e ambos do mesmo ano de 1897. Difícil saber qual foi realizado em primeiro lugar. Pois até então a informação de Georges Sadoul deixava claro que o filme dos Lumière foi o primeiro longa-metragem da história do cinema. Vimos com as citações de Musser que a Paixão de Horitz era por sua vez bastante longa também. Mas, não vamos cair na tolice das primazias, importante é que

fique claro que *A Paixão de Horitz* foi filmada por “Doc Freeman”, sob encomenda de Hurd e feita com capital americano, e que *La Vie et La Passion de Jésus-Christ* foi feita sob encomenda dos Lumière para o encenador Georges Hatot, assistido por Bretteau, com produtor francês. No Brasil chegou apenas a produção francesa, pois Pascoal Segreto era representante dos Lumière.

Espero que este artigo venha a contribuir para que aos poucos se desfaça essa confusão existente entre os dois filmes. Confusão esta originada tendo em vista a especificidade deste campo de estudos, o seu internacionalismo. Agora não tem mais confusão.

Bibliografia Mínima

- ARAÚJO, Vicente de Paula. *A Bela Época do cinema Brasileiro*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1985. 2ª ed.
- BAUGH, Lloyd. *Imaging the Divine - Jesus and Christ-Figures in Film*. Franklin (Wisconsin): Sheed & Ward, 1997.
- KINNARD, Roy e DAVIS, Tim. *Divine Images: A History of Jesus on the Screen*. New York: Citadel Press – Carol Publishing Group, 1992).
- MUSSER, Charles. *The Emergence of Cinema: The American Screen to 1907*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, s.d.e.
- RITTAUD-HUTINET, Jacques. *Le Cinéma des Origines – Les Frères Lumière et Leurs Opérateurs*. Seyssel, Editions du Champ Vallon, 1985.
- SADOUL, Georges. *História do Cinema Mundial*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.